

**FLORESTAN FERNANDES, ROGER BASTIDE E A PALAVRA DA
MILITÂNCIA NEGRA**

***FLORESTAN FERNANDES, ROGER BASTIDE AND THE WORD OF BLACK
ACTIVISM***

Paulo Henrique Fernandes Silveira*

Resumo

No início dos anos 1950, por encomenda da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Florestan Fernandes e Roger Bastide desenvolveram uma ampla pesquisa sobre as relações raciais em São Paulo. Contra as expectativas da Unesco, a pesquisa constatou a existência da discriminação racial no Brasil. Entre as estratégias metodológicas adotadas na pesquisa, estavam o emprego de questionários, entrevistas e histórias de vida, além da organização de seminários com as lideranças da militância negra. Tratava-se de registrar a palavra de pessoas negras que enfrentavam diretamente o racismo. No livro “A integração do negro na sociedade de classes”, publicado em 1964, Fernandes retomou seus registros da pesquisa Unesco com as contribuições da militância negra. Esses registros estão acessíveis no Fundo Florestan Fernandes, na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A partir de uma pesquisa documental, esse artigo visa a apresentar e analisar as contribuições escritas e orais da militância negra na formulação das teses desenvolvidas na pesquisa Unesco e no livro “A integração do negro na sociedade de classes”.

Palavras-chave: Roger Bastide. Florestan Fernandes. Militância Negra. Discriminação Racial.

Abstract

In the early 1950s, requested by United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), Florestan Fernandes and Roger Bastide developed an extensive research about racial relations in São Paulo. In opposition to UNESCO expectative, the research ascertained the existence of racial discrimination in Brazil. Among the methodological strategies adopted were the use of questionnaires, interviews and life stories, in addition to the organization of seminars with leaders of black activism. It was about recording the words of black people who directly faced racism. In the book *Integration of Black People into Class Society*, published in 1964, Fernandes revisited the records his UNESCO research with contributions from black activists. These records are available in the Florestan Fernandes Fund, at the Community Library of the Federal University of São Carlos (UFSCar). Based on documentary research, this article aims to present and analyze the written and oral contributions of black activists in formulating the theses developed in the UNESCO research and in the book *The Integration of Black People in Class Society*.

Keywords: Roger Bastide. Florestan Fernandes. Black Activism. Racial Discrimination.

* Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e pesquisador do Grupo de Direitos Humanos do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP). E-mail: paulo.henrique.fernandes@usp.br.

Que a pesquisa possa contar com pessoas que têm realmente experiência, que não são estrangeiros que vêm estudar o problema aqui, são pessoas que sofrem o problema na própria pele. São pessoas que sentem.

(Observação em massa, 1951b, p. 542).

Introdução

No livro “A integração do negro na sociedade de classes”, publicado em 1964, Florestan Fernandes retoma os registros da pesquisa Unesco, realizada nos anos 1950, sobre as relações raciais em São Paulo. Utilizando-se de seminários, questionários, entrevistas, histórias de vida e relatórios, a pesquisa Unesco enfatizou a centralidade das experiências e dos testemunhos das pessoas negras na construção do conhecimento científico sobre discriminação racial.

No papel de coordenadores da pesquisa, Roger Bastide e Florestan Fernandes convidaram docentes, estudantes e lideranças do movimento negro para participarem da investigação. Alguns desses estudantes, como Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso e Renato Moreira, tornaram-se professores da Universidade de São Paulo (USP). Entre as lideranças do movimento que participaram da pesquisa Unesco, estavam jornalistas, políticos e dirigentes de associações negras, como Jorge Teixeira, diretor da Associação José do Patrocínio, e Sofia Campos, presidenta da Federação das Mulheres do Estado de São Paulo e umas das coordenadoras da Associação das Empregadas Domésticas.

Entre os meses de maio e novembro de 1951, a pesquisa Unesco promoveu uma série de seminários com as lideranças negras; o primeiro, na Biblioteca Municipal, os demais, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP (Campos, 2014). Nesse mesmo período, Fernandes e Teixeira coordenaram encontros na Associação José do Patrocínio com mulheres da comunidade negra.

A professora Maria Isaura Queiroz e o estudante Renato Moreira ficaram responsáveis pela elaboração das histórias de vida. Queiroz (1989) redigiu a história de vida de uma empregada doméstica negra que trabalhava há muitos anos em sua casa. Moreira (História de vida, 1951) elaborou as histórias de vida dos militantes Francisco Lucrécio e José Correia Leite. Moreira também escreveu com Leite o texto “Movimentos sociais no meio negro” (2025).

No documentário “Florestan Fernandes - o mestre”, uma homenagem a Florestan Fernandes, realizado em 2004, Antônio Candido de Mello e Souza afirma:

Ele (Florestan Fernandes) ajudou Roger Bastide a montar um dos mais belos esquemas de análise sociológica que eu já vi, eles mobilizaram a comunidade negra. Ao invés de ir lá estudar o objeto, eles puxaram a comunidade negra para ser sujeito, ao mesmo tempo. Quer

dizer, o negro, a partir dessa pesquisa do Florestan e do Roger Bastide, deixou de ser objeto de estudo, para ser sujeito de estudo: ele participar, ele falar, ele orientar, junto com os pesquisadores ¹ (Florestan Fernandes - o mestre, 2004, 18min 52s).

Como sustenta Souza (2020), ao convidarem a militância negra para contribuir com a pesquisa Unesco, Roger Bastide e Florestan Fernandes rompem com a tradição acadêmica de silenciamento dos grupos marginalizados da sociedade.

Os registros das diversas contribuições da militância negra para a pesquisa Unesco sobre as relações raciais em São Paulo encontram-se no acervo do Fundo Florestan Fernandes, da Biblioteca Comunitária da UFSCar. A partir de uma pesquisa documental, este artigo visa a apresentar e analisar a importância dessas contribuições na formulação das teses desenvolvidas na pesquisa Unesco e no livro “A integração do negro na sociedade de classes”.

Colonialismo, racismo e ciência

No início da década de 1950, ocorreu um intenso debate na França a respeito do colonialismo e do racismo. Esse período foi marcado pelas lutas por independência nos diversos países colonizados pela França. Em 1950, foi publicada uma primeira versão do “Discurso sobre o colonialismo”, de Aimé Césaire. Dois anos depois, foi publicado na França, com a tradução de Roger Bastide, “Casa grande & senzala”, de Gilberto Freyre. Naquele ano, também foram publicados “Pele negra, máscaras brancas”, de Frantz Fanon, e “Raça e história”, de Claude Lévi-Strauss. Como analisa a historiadora Cibele Barbosa (2018), grande parte dos intelectuais franceses assumiu posições antirracistas sem questionar a manutenção do colonialismo, tratava-se de cultivar uma espécie de “colonialismo esclarecido”.

Foi nesse contexto que Alfred Métraux, como um dos coordenadores do programa da Unesco contra o racismo, encomendou, em 1950, a pesquisa sobre as relações raciais no Brasil (Prins; Krebs, 2007). Num artigo para *Le Courrier de l'UNESCO*, Métraux (1952, p. 6) explica a motivação dessa pesquisa:

¹ Essa interpretação de Souza não é unanimidade no meio acadêmico. Em 2014, estudantes da Universidade de São Paulo organizaram um encontro para comemorar os 50 anos da publicação do livro *A integração do negro na sociedade de classes*. Uma das mesas do encontro ocupou-se, principalmente, em criticar o livro. Em sua comunicação, Sidney Chalhoub (2020, 24min 40s) argumenta: “Eu sou muito diferente de Florestan. (...) Eu aprendo as coisas pesquisando. (...) Nada disso eu aprendi na militância, aprendi estudando”. Ao que parece, para Chalhoub, as pesquisas acadêmicas devem se basear em arquivos oficiais, documentos históricos e livros teóricos, mas não nas experiências e nos testemunhos dos militantes do movimento negro.

Um dos dogmas essenciais do racismo é o de que homens de raças diferentes não podem viver misturados sem condenar-se à decadência moral e física. Os racistas proclamam que a única solução para os países em que coexistem duas ou mais raças diferentes é a segregação absoluta. (...) O caso do Brasil constitui o argumento mais forte que pode opor-se à crença racista. (...) Saúda-se o Brasil como um dos raros países do mundo que tem conseguido implantar a ‘democracia racial’. (...) Vários estudos realizados anteriormente – particularmente os trabalhos históricos de Gilberto Freyre e as investigações sociológicas de Donald Pierson, na Bahia – confirmaram a opinião favorável que o mundo formou sobre a situação racial do Brasil. (...) Com a esperança de extrair uma lição do caso brasileiro, a UNESCO delegou às diversas equipes de sociólogos, antropólogos e psicólogos a tarefa de completar os trabalhos já existentes por meio de estudos levados a cabo em regiões ainda não examinadas e com grupos sociais diferentes daqueles que já foram considerados.

Essa edição do periódico da Unesco, publicada, concomitantemente, em francês, inglês e espanhol, apresentou alguns dos resultados da pesquisa sobre as relações raciais no Brasil. Além de textos dos coordenadores da pesquisa em cada uma das regiões do país investigadas, o periódico publicou um texto de Gilberto Freyre, que não colaborou diretamente na pesquisa (Maio, 1999). Em seu texto sobre os resultados da pesquisa em São Paulo, Roger Bastide frustra as expectativas de Métraux com relação à ausência de discriminação racial no Brasil:

A urbanização e a industrialização, em conjunto com as leis trabalhistas, que se aplicam a todos os trabalhadores, sem distinção de cor ou de origem, tendem atualmente a substituir a ascensão de alguns poucos indivíduos pela ascensão do grupo de cor como um todo. Mas é evidente que, por isso mesmo, o branco passa a se sentir ameaçado nas posições privilegiadas que ocupava até agora e procura conservar seus postos de comando frente à invasão cada vez maior de negros e mulatos. Ele tentará criar barreiras, senão para deter, ao menos para retardar esse movimento. (...) Existe, assim, toda uma política dirigida para encaminhar os negros unicamente para alguns setores, como a construção de edifícios ou os trabalhos duros e sujos que o branco não deseja realizar (Bastide, 1952, p. 9).

Além de ter empenhado poucos recursos para a realização da pesquisa sobre as relações raciais em São Paulo, a Unesco não financiou sua publicação (Fernandes, 2017a). Ela tampouco contribuiu para que a pesquisa fosse publicada na França ou em outros países onde atuava. Numa carta enviada a Fernandes, em março de 1954, Bastide trata da dificuldade financeira para publicar a pesquisa na França².

Em 1953, todos os textos e relatórios que compõem a pesquisa foram publicados pela revista “Anhembi”. Em 1955, a Universidade de São Paulo e o Governo do Estado de São Paulo

² “Eu deveria ter-lhe escrito há vários dias, já que finalmente pude ver Éric de Dampierre na (editora) Plon. (...) Plon estaria determinada a publicar a obra completa em uma coletânea de grande formato, mesmo com os dois relatórios de Virginia Bicudo e Ginsberg, mas pede um adiantamento de 700.000 francos, a ser reembolsado aos poucos após a venda do 3.000º exemplar – ou seja, um subsídio de cerca de 500.000 francos, a fundo perdido. O senhor acha que o Governo de São Paulo se comprometeria com tais quantias?” (Bastide, 1954, n.p).

financiaram a publicação da pesquisa no livro “Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo” (Bastide, 1955a).

Entre 1951 e 1952, também por intermédio da Unesco, Métraux financiou as pesquisas e as publicações, em duas ou três línguas, de uma série de brochuras que tratam do racismo: “Os mitos raciais”, de Juan Comas; “Raça e biologia”, de Leslie Dunn; “Raça e psicologia”, de Otto Klineberg; “Raça e civilização”, de Michel Leiris; “Raça e história”, de Claude Lévi-Strauss (Prins; Krebs, 2007). No início do seu trabalho, Lévi-Strauss (1970, p. 231) critica a hierarquia das culturas e dos saberes:

Falar de contribuição das raças humanas à civilização mundial poderia ser surpreendente num trabalho destinado a lutar contra o preconceito racista. Seria inútil ter consagrado tanto talento e tantos esforços para mostrar que nada, no atual estado da ciência, permite afirmar a superioridade ou a inferioridade intelectual de uma raça com relação à outra.

Esse texto sofreu críticas duras de Roger Caillois, um sociólogo francês que trabalhava na Unesco e que percorreu a América Latina com Métraux. Assumindo uma postura racista, Caillois (1955, p. 65) procura justificar uma hierarquia dos saberes entre as culturas: “Se me pedissem para apontar, de minha parte, a principal superioridade e, se possível, a incontestável superioridade da civilização ocidental, responderia sem hesitar que é ter produzido etnógrafos”. Segundo Caillois, as outras culturas não seriam capazes de produzir ciência.

Na última versão do “Discurso sobre o colonialismo”, que vem a público em 1955, Césaire (2010, p. 63) refere-se a esse texto de Caillois: “Ia esquecendo o ódio, a mentira e a arrogância. Ia esquecendo o senhor Roger Caillois”. Césaire compara Caillois com o escritor Henri Massis, que, em 1927, escreveu o livro “Defesa do Ocidente” contra a perigosa e nefasta influência da cultura oriental. Tanto Massis quanto Caillois se colocariam como heróis salvadores do Ocidente.

Em suas análises, Césaire (2010, p. 65) apresenta uma síntese das posições defendidas por Caillois:

Que o Ocidente inventou a ciência. Que somente o Ocidente sabe pensar; que nos limites do mundo ocidental começa o tenebroso reino do pensamento primitivo, o qual, dominado pela noção de participação, incapaz de lógica, é o protótipo mesmo do falso pensamento.

A principal crítica de Césaire refere-se à apropriação que Caillois faz da lei da participação, criada por Lucien Lévy-Bruhl, segundo a qual as pessoas das culturas indígenas compreendem-se como participando, ao mesmo tempo, da essência dos seres humanos e dos

animais. Nessa perspectiva, essas culturas não seguiriam o princípio lógico da não-contradição. Segundo Césaire (2010), em determinada etapa das suas pesquisas antropológicas, Lévy-Bruhl abandonou sua lei da participação e passou a reconhecer que, do ponto de vista lógico, a mente das pessoas indígenas não difere em nada da mente das pessoas ocidentais.

Um parágrafo desse livro de Césaire foi utilizado como epígrafe do “Pele negra, máscaras brancas”, de Frantz Fanon. Posto que o livro de Fanon foi publicado em 1952, naquele momento, ele só teve acesso à primeira versão do livro do Césaire, onde não estavam suas críticas às posições de Caillois. Todavia, acompanhando outros textos de Césaire, especialmente, seus poemas, Fanon também denuncia as posições colonialistas da ciência ocidental. Os argumentos de Fanon (2008, p. 159) dirigem-se contra o universalismo que silencia as experiências das pessoas negras:

Apenas abri os olhos que tinham vendado e já querem me afogar no universal? E os outros? Aqueles que “não têm boca”, aqueles que “não têm voz”. Tenho necessidade de me perder na minha negritude, de ver as cinzas, as segregações, as repressões, os estupros, as discriminações, os boicotes. Precisamos botar o dedo em todas as chagas que zebram a libré negra.

Seminários, questionários, entrevistas e histórias de vida

Em seu mestrado sobre o tema, Antônia Campos (2014) analisa as contribuições de diversas pessoas do movimento negro na pesquisa Unesco. Além das pessoas citadas nos trabalhos de Bastide e Florestan (1955), as transcrições dos seminários, questionários, entrevistas, histórias de vida e relatórios nos permitem identificar outras pessoas que também colaboraram com a pesquisa.

Participaram da pesquisa Unesco mais de 40 pessoas negras, entre as quais: Edila Nogueira; Nair Pinheiro; Maria de Lourdes Rosário; Maria Aparecida Camargo; Sofia Campos Teixeira; Benedita Vaz Costa; Maria Nascimento; Maria José Santos; Maria Helena Barbosa; Ruth de Souza; Nilza de Vasconcellos; Jorge Prado Teixeira; José Correia Leite; Nestor Borges; Francisco Lucrécio; Luiz Lobato; Geraldo Campos de Oliveira; Jayme Aguiar; Arlindo Veiga dos Santos; José Pelegrini; Raul Joviano do Amaral; Carlos de Assumpção. Além dessas pessoas negras que militavam no movimento negro, a docente Virgínia Bicudo também colaborou com a pesquisa.

Em 1950, Bastide e Florestan participaram do I Congresso do Negro Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro. Ali eles estiveram com algumas lideranças negras paulistas que participariam, no ano seguinte, da pesquisa Unesco, como Jorge Prado Teixeira (Nascimento, 1982).

Nos seminários promovidos pela pesquisa, algumas lideranças negras afirmam ser amigas de Bastide. O outro ponto de contato entre os professores da Universidade de São Paulo e a militância negra era Antonio Candido de Mello e Souza, que fazia parte da Esquerda Democrática, na qual militavam: Sofia Campos Teixeira, Francisco Lucrécio, Luiz Lobato, e Geraldo Campos Teixeira, lideranças negras que colaboraram com a pesquisa Unesco (Sotero, 2015).

No projeto elaborado para a pesquisa Unesco, apresentado em abril de 1951, Bastide e Fernandes justificam a importância da palavra das pessoas negras:

A abolição é relativamente recente. (...) Ainda hoje vivem em São Paulo alguns ex-escravos e ex-senhores; uma das possibilidades de conhecimento sociológico desse período consiste em explorar sistematicamente tais fontes vivas. Isso poderá ser feito de dois modos: através de entrevistas, orientadas por um pequeno formulário; e através de coleta de histórias de vida. (Bastide; Fernandes, 1959, p. 346).

Em “A integração do negro na sociedade de classes”, Fernandes apresenta uma justificativa um pouco diferente: “As lacunas da documentação histórica sobre a situação econômica e social do negro aconselharam a apelar para os testemunhos dos agentes humanos” (2008a, p. 414, n. 95).

As entrevistas com pessoas brancas, pardas e negras encontram-se nos arquivos: “Material de pesquisa” e “Entrevistas”. Os questionários encontram-se no arquivo: “Observação em massa”. Os seminários com a militância negra realizados na Biblioteca Municipal e na FFCL da USP encontram-se no arquivo: “Observação em massa (situação grupal)”. As reuniões com mulheres negras realizadas nessa mesma faculdade encontram-se no arquivo: “Reunião com mulheres negras”. Os seminários com mulheres negras realizados na Associação José do Patrocínio encontram-se no arquivo: “Seminários (Associação José do Patrocínio)”. As histórias de vida de José Correia Leite e de Francisco Lucrécio, coletadas e redigidas por Renato Moreira, encontram-se no arquivo: “História de vida”. Não foi localizado o arquivo com a história de vida coletada e redigida por Maria Queiroz.

O arquivo “Material de pesquisa” traz as transcrições de entrevistas e observações da colaboradora Marialice Foracchi, em sua pesquisa de campo em fábricas de massas e de café. O arquivo “Estudos de caso II” traz as transcrições de entrevistas e observações registradas pela mesma colaboradora e por Florestan Fernandes, em pesquisas de campo no Jacaré e em outros cortiços do bairro da Bela Vista.

O intelectual e militante do movimento negro Jorge Teixeira foi convidado por Bastide e Florestan para ser secretário da Comissão para o Estudo das Relações Raciais da Pesquisa

Unesco. No primeiro seminário, realizado na Biblioteca Municipal, em 8 de maio de 1951, Teixeira afirma que foi escolhido para ser secretário pelo fato de estar cursando sociologia. Ao apresentar os objetivos da pesquisa, no mesmo seminário, Bastide argumenta:

Falando deste assunto com meu amigo Jorge Teixeira, ele teve a ideia muito feliz de fazer uma mesa redonda para discutir entre nós este preconceito de cor, ou da existência de miscigenação racial asiática. Foi por isso que pedi o comparecimento de alguns intelectuais negros e dos líderes de cor, assim como de alguns estudantes brancos que se interessam pelo problema racial. (Observação em massa, 1951b, p. 1).

Além de presidir e coordenar alguns encontros dos seminários, Teixeira foi um dos responsáveis por convidar as lideranças negras para colaborarem com a pesquisa. Teixeira também elaborou os relatórios: “Arregimentação eleitoral e politização no meio negro” (Estudos de caso, 1951) e “Casamento de negros qualificados na classe alta da comunidade negra” (Fichas, 1951).

Sempre atraindo um grande público, os seminários e mesas-redondas realizados na FFCL da USP transcorreram durante todo o ano de 1951, geralmente, às terças-feiras, a partir das 20h30. Cada encontro trouxe um ou mais temas para o debate, aberto para a participação de todas as pessoas do auditório. Os militantes do movimento negro foram convidados para apresentarem conferências sobre os temas debatidos.

As conferências apresentadas durante os seminários foram: “O preconceito racial no Brasil”, por Vicente de Paula Custódio, representante da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; “O problema do negro no Brasil”, por Edgard Sant’Anna; “O elemento negro na população de São Paulo” e “Reflexões sobre o preconceito”, por Raul Joviano Amaral; “Evolução da situação de contato”, por Sofia Campos Teixeira; “Comportamento da polícia e do juizado de menores com relação ao elemento negro”, por Adélio Silveira; “Brancos e negros numa sociedade de classes”, por Luiz Lobato; “Situação econômica do negro brasileiro”, por Nestor Borges (Observação em massa, 1951b).

O último seminário, excepcionalmente realizado num sábado, dia 17 de novembro de 1951, às 15 horas, teve a participação de Alfred Métraux e do escritor Oswald de Andrade. Em sua intervenção, Métraux sustentou que o objetivo da pesquisa Unesco era mostrar que o Brasil era um país livre de preconceitos: “Será uma prova, uma demonstração concreta das possibilidades de convivência” (Observação em massa, 1951b, p. 695). No decorrer do encontro, sua posição foi criticada por diversos intelectuais e militantes do movimento negro.

O questionário para pessoas negras e pardas aplicado na pesquisa tratou das seguintes questões e temas: 1- Como vive em São Paulo?; 2- Quem são seus amigos?; 3- Em que trabalha?; 4- Quais são as suas diversões?; 5- Como gasta o seu dinheiro?; 6- Ideias religiosas; 7- Ideias políticas; 8- Ideias raciais; 9- A convivência com os brancos; 10- O que se deveria fazer para melhorar a situação do preto em São Paulo?; 11- A sociedade em que gostaria de viver (Observação em massa, 1951a).

O arquivo “Entrevista com pretos” traz quatro modelos de formulários para as entrevistas: 1- entrevistas formais com pessoas brancas; 2- entrevistas ocasionais com pessoas brancas; 3- entrevistas formais com pessoas negras e pardas; 4- entrevistas ocasionais com pessoas negras e pardas. Os arquivos com as transcrições das entrevistas mostram que a maior parte delas foi ocasional e anônima (Material de pesquisa, 1951; Entrevistas, 1951). As entrevistas realizadas não perpassaram todas as questões dos formulários. Algumas entrevistas ocorreram com as pessoas negras que participaram dos seminários. As formas de preconceito comuns no Brasil foram um tema presente nos quatro modelos de formulário.

Os coordenadores e alguns dos colaboradores da pesquisa Unesco escreveram sobre as peculiaridades da história de vida como técnica da pesquisa social. Em 1951, Oracy Nogueira (1969) ofereceu um curso sobre técnicas da pesquisa social na Escola Livre de Sociologia e Política. Suas anotações de aula sobre a história de vida foram publicadas em 1952, na revista “Sociologia”. A mesma revista publicou, em 1953, textos de Bastide, Queiroz e Moreira sobre o emprego da história de vida na pesquisa Unesco. Em 1956, Fernandes também publicou um texto sobre essa técnica.

No debate entre os coordenadores e os colaboradores da pesquisa Unesco sobre a história de vida são apontadas algumas dificuldades no emprego dessa técnica da pesquisa social. Segundo Bastide (1989, p. 151), a principal dificuldade no emprego da técnica da história de vida está no perigo de as pessoas pesquisadas se preocuparem mais com as questões psicológicas, “com o desenvolvimento da personalidade na sua relação com o meio social ou cultural do que com os fatos sociais propriamente ditos”. Atentos a essa questão, Queiroz (1989) e Moreira (1989) procuraram extrair das pessoas pesquisadas o maior número de fatos sociais relevantes.

Em suas análises, Fernandes indica uma preocupação semelhante no emprego da técnica da história de vida nas pesquisas sociológicas. Para enfrentar essa dificuldade, Fernandes (1960) defende que se empregue a história de vida associada a outras técnicas de pesquisa, tais

como: a entrevista, o questionário e o formulário. Essa foi, justamente, a estratégia utilizada na pesquisa Unesco. Apesar dessa dificuldade envolvendo o emprego da história de vida, os textos dos coordenadores e colaboradores da pesquisa Unesco não questionaram a legitimidade e a importância da palavra das pessoas negras pesquisadas.

Discriminação racial no mercado de trabalho

Desde o primeiro seminário promovido pela pesquisa Unesco, os testemunhos da militância negra trouxeram exemplos de situações de discriminação racial. Em sua única participação nos seminários, o militante Carlos de Assumpção afirma: “Quem melhor sabe dizer sobre o preconceito é o negro, porque é ele quem sente” (Observação em massa, 1951b, p. 216).³ Os exemplos citados pela militância negra são quase todos de experiências pessoais ou de pessoas próximas. As principais situações de discriminação racial narradas relacionam-se às barreiras enfrentadas pelas pessoas negras no ensino básico e no mercado de trabalho. Numa de suas intervenções, a professora Sofia Campos Teixeira argumenta:

Meu aparte foi para reforçar o ponto de vista de que existe preconceito de raça, conforme os fatos que acabam de citar. Tenho mais um. Aqui mesmo em São Paulo, em uma organização religiosa, elas têm a franqueza de negar a matrícula das pessoas de cor. Eu digo com conhecimento de causa: foi no colégio normal de uma cidade do interior. A diretora negou-se a matricular uma criança, alegando que devido às condições melhores das outras alunas, esta negrinha não podia fazer parte do Instituto, mas falaram para o pai aguardar mais três ou quatro meses para então fazer a matrícula, porque estavam estudando a possibilidade de construir um pavilhão para pessoas de cor (Observação em massa, 1951b, p. 93).

Na sequência do debate, a também professora Maria Aparecida Camargo acrescenta outro exemplo de discriminação racial no ensino básico:

Em Piracicaba, uma colega foi recusada na secretaria da Escola Normal por ser de cor e sofreu três anos de atraso na sua vida de estudante, não podendo continuar por ser de cor. Ela estava no pré-normal e ali permaneceu uns três anos. Foi chamada à diretoria e o diretor lhe disse: — acho melhor você sair do nosso colégio, porque nós não concedemos diploma para moças de cor. (Observação em massa, 1951b, p. 93).

Em outro encontro do seminário, o militante Francisco Lucrécio retoma esse tema com mais exemplos:

³ Essa afirmação de Carlos de Assumpção poderia referendar as análises de Djamila Ribeiro (2017, p. 86) sobre o conceito lugar de fala: “Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão”.

Nos grupos escolares, nas escolas particulares, bem como nos parques infantis, eu tive a oportunidade de observar, as crianças pretas não são tratadas como as crianças brancas. (...) Isto prova que o preconceito inicia-se desde o banco escolar, já incutindo no espírito da criança a situação de obediência e de inferioridade. Pesquisas nessas escolas, mesmo sob a orientação do mestre, seriam de grande valor, porquanto já atacariamos o assunto (Observação em massa, 1951b, p. 205).

A sugestão de Lucrécio foi acolhida pelos coordenadores da pesquisa Unesco. As professoras e pesquisadoras Virgínia Bicudo e Aniele Ginsberg foram contratadas para elaborar dois relatórios sobre a discriminação racial em escolas de São Paulo (Fernandes, 2017a). Esses relatórios de pesquisa foram publicados pela revista “Anhembi”, em 1953, e republicados no livro: “Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo”, editado por Bastide e Florestan. O próprio Lucrécio ficou encarregado de elaborar com Renato Moreira o relatório: “Relações entre crianças brancas e negras em parques infantis da capital” (Estudos de caso, 1951).

No texto elaborado sobre sua história de vida, Lucrécio narra uma experiência pessoal de discriminação racial enfrentada no trabalho:

Um dia entrei para um banco: ganhava 600.000, um dinheirão para a época. Ia muito bem, conhecia todo mundo e arranjava bons negócios para o banco. Certa vez, houve um desfalque e mudaram o gerente. (...) Chegou um telegrama comunicando a vinda do novo gerente e mandando eu providenciar casa para ele. Fiquei encarregado disso, pois conhecia a todos da cidade. Arranjei a casa, mandei limpá-la, e quando os móveis chegaram, mandei arrumá-los. (...) Terminado tudo isso, já no banco, me manda o sr. R.A.L. limpar os sapatos dele. Disse violentamente que tinha cuidado de suas acomodações porque tinha ficado encarregado disso, mas era empregado de escritório e não me cabia fazer o que me havia mandado. ‘Negro é para isso mesmo...’, respondeu-me. Catei-o pelos colarinhos!... (História de vida, 1951, p. 53).

Em sua história de vida, o militante José Correia Leite traça um amplo panorama sobre as perspectivas profissionais das pessoas negras nos meios populares:

No começo da minha vida adulta, os negros tinham profissões domésticas, realizavam todos os serviços da casa. Os cocheiros eram geralmente brancos, mas os que cuidavam dos cavalos eram negros. (...) Nas pensões, os serviçais eram negros. Havia mesmo lavadores de casa que faziam ponto num determinado lugar. (...) Os negros fortes eram bem vistos para servirem como capangas. (...) Eram raros os negros que tinham profissão; pedreiro, carpinteiro, barbeiro, alfaiate e sapateiro eram profissões difíceis e os negrinhos aprendizes tinham dificuldade para conseguir essas colocações. Nas fábricas, havia poucas oportunidades para os negros, pois sempre foram propriedades dos italianos, era só para quem tinha ligações com famílias italianas. Assim mesmo, havia serviços de negros nas fábricas – os que os italianos não queriam, os serviços pesados e arriscados para a saúde. A mulher negra, ao lado das dificuldades que encontrava e ainda encontra até hoje para ser aprendiz e chegar a ser tecelã, somente conseguindo quando não há nenhuma candidata forte, sempre foi de tradição doméstica e, por isso, recebia emprego, quando não proteção das famílias tradicionais. Assim, não iam parar nas fábricas (História de vida, 1951, p. 119).

O militante Arlindo Veiga dos Santos lembrou que, mesmo sendo proibidos desde a CLT de 1943, alguns jornais ainda publicavam anúncios racistas sobre ofertas de emprego para empregadas domésticas: “Há anúncios com os seguintes dizeres: ‘Procura-se empregada, não se aceita de cor’. Ou este então: ‘Procura-se empregada branca’” (Observação em massa, 1951b, p. 65).

Em seu questionário, Jorge Prado Teixeira afirma que a discriminação racial está presente no interior das próprias empresas: “Tenho a dizer, também, que o preconceito de cor ou de raça domina a classe proletária no Brasil. Conheço vários casos de impossibilidade dos negros se manterem chefes em oficinas e indústrias, por sabotagem dos colegas” (Observação em massa, 1951a, p. 255).

Nesse mesmo sentido, o militante Luiz Lobato denuncia a discriminação racial sofrida por pessoas negras no interior das fábricas: “Há certos operários que têm mais preconceito de cor do que certos brancos. Eu tenho visto piqueniques, em certas fábricas, onde se passam convites dizendo: ‘fulano não pode ir porque é preto’” (Observação em massa, 1951b, p. 69). Lobato acrescenta outro exemplo sobre esse tema:

O dr. Sant’Anna, médico de uma instituição qualquer, foi chamado à casa de um operário para ver sua esposa, e lá chegando foi repellido. O próprio operário disse: ‘Calcula se eu vou deixar um negro examinar minha mulher’. A mulher morreu e o médico colocou isto no memorando, isto consta do Sindicato dos trabalhadores de Marília, da folha de trabalho desse médico. (Observação em massa (situação grupal), 1951, p. 657).

A militância negra que colaborou com a pesquisa Unesco foi unânime na defesa de tese de que, comumente, as pessoas negras só conseguem colocação em serviços nos quais as brancas não querem atuar. Um testemunho de Arlindo Veiga dos Santos endossa essa tese:

Um amigo tinha arranjado um emprego para ele na Light. Era serviço de escritório. (...) Quando escreveu para obter o lugar, não houve nada. (...) Mas quando apareceu para tomar posse e obter o lugar, foi barrado, porque preto só pode ser motorneiro ou cobrador. Como era serviço de escritório, não aceitaram. Sei de casos idênticos, e outros. Há uma infinidade de casos (Observação em massa, 1951b, p. 93).

Sobre essa forma de discriminação racial, Carlos de Assumpção oferece um exemplo pessoal:

Chegando em São Paulo, procurando emprego, não foi possível encontrar uma colocação onde eu pudesse agir mais à vontade, onde eu pudesse empregar o que eu havia adquirido. Procurei então pessoas conhecidas de relevo, que pudessem me dar uma carta de apresentação, e me mandaram à redação de um grande jornal da capital. (...) Mas o chefe da repartição me disse: — Infelizmente, não posso lhe dar o lugar

porque já foi preenchido. Como revisor, não temos vaga, mas se o senhor quiser ser limpador, o serviço é um pouquinho duro, mas com o tempo o senhor se acostuma. A minha situação era precária e acabei aceitando. Eles acham que o único serviço para o negro é o serviço braçal, o serviço sujo (Observação em massa, 1951b, p. 216).

Dados do censo do município de São Paulo, de 1940, reproduzidos por Fernandes (1955a) na pesquisa Unesco, confirmam essa distribuição de pessoas brancas, negras e pardas entre os setores de serviços. Na indústria de transformação, a soma total de negros e pardos era de 12.248 trabalhadores, contra 147.085 trabalhadores brancos. No comércio de mercadorias, a desproporção era ainda maior: 2.110 trabalhadores pardos e negros, contra 43.645 trabalhadores brancos.

Essa disparidade também ocorria na distribuição das mulheres brancas, negras e pardas entre os setores de serviços. Na indústria de transformação, a soma total de pessoas negras e pardas era de 3.031 trabalhadoras, contra 47.957 trabalhadoras brancas. No comércio de mercadorias, a soma total de pessoas negras e pardas era de 156 trabalhadoras, contra 5.692 trabalhadoras brancas (Fernandes, 1955a).

É importante considerar que, segundo o censo demográfico de 1940, a população de pessoas negras e pardas correspondia a 8,19% da população total no município de São Paulo. A partir desses dados, Fernandes (1955a, p. 56) sustenta que:

As pessoas de cor não participam, em regra, nem das garantias proporcionadas pelos serviços bem remunerados ou de alguma representação social, nem dos benefícios colhidos pela livre iniciativa numa economia urbana. Semelhante distribuição das ocupações traduz a persistência das barreiras econômicas que sempre distinguiram socialmente os representantes das duas raças no Brasil, e de antigos critérios de seleção ocupacional associados à cor.

Acompanhando os testemunhos da militância negra, especialmente, nos debates realizados nos seminários, Bastide reconhece que o mercado de trabalho não oferece muitas oportunidades às pessoas negras, além dos serviços duros e sujos, todavia, indaga o sociólogo: “A questão é saber até que ponto essa situação depende da falta de preparo do preto e em que medida é fruto da vontade do branco” (1955b, p. 144).

Valendo-se, uma vez mais, da palavra da militância negra, Bastide destaca uma série de situações em que fica expressa a discriminação racial nos processos de seleção de trabalho. Somam-se a isso as barreiras impostas às pessoas negras em todas as etapas da sua formação. Ao se referir a essas e outras barreiras num texto autobiográfico, Fernandes (1977) recupera uma expressão que Correia Leite (2025) utiliza numa das suas contribuições para a pesquisa: o emparedamento do negro.

Numa de suas intervenções, Luiz Lobato faz uma análise a respeito dessas barreiras impostas às pessoas negras:

Quanto mais elevada é a categoria social a que o negro quer chegar, maior é a probabilidade de resistência oposta pelo elemento branco dessa categoria social. Por exemplo: o negro chega mais ou menos a ser dentista, contador, mas, quando quer ser bacharel, quando quer atingir uma categoria mais elevada – médico, engenheiro, advogado, maior é a barreira social imposta ao negro (Observação em massa, 1951b, p. 653).

Uma vez refutada a ideologia de que o Brasil seria um país livre de preconceitos, onde se colocaria em prática a democracia racial, coube a Fernandes (1955b) desenvolver um estudo sobre a luta contra o preconceito de cor. Esse seria o primeiro de vários trabalhos de Fernandes a respeito da organização do protesto negro.⁴

No primeiro seminário promovido pela pesquisa Unesco, respondendo a Arlindo Veiga dos Santos, que pergunta aos demais como criar oportunidades de trabalho para as pessoas negras que não seja com a vassoura, Luiz Lobato argumenta: “Como dar essa oportunidade? Instruindo o patrão branco, porque é ele precisamente quem não vai dar esse emprego ao negro” (Observação em massa (situação grupal), 1951, p. 65).

Na conferência do militante Nestor Borges, ministrada no último seminário da pesquisa, configura-se a ideia de que se deve lutar por uma “Segunda Abolição”:

De fato, as providências adotadas a fim de prover a lavoura de novos braços, providências que nunca terminam, gastando-se com isso quantias fabulosas, deviam ter ditado os homens responsáveis pelos destinos do país, providências idênticas no sentido de amparar a grossa massa de trabalhadores libertos, proporcionando-lhes também os meios necessários para a sua recuperação. Nada disso se fez até hoje, decorridos 63 anos, em uma época em que a estabilidade econômica é a base de todo o progresso social, só nos resta, como pensava Tobias Barreto, uma segunda abolição. Se a primeira nos deu o título de cidadão com os direitos civis e políticos que dele decorrem, cabe à segunda promover a nossa emancipação econômica que, bem analisado, pertence a quase todo o Brasil (Observação em massa, 1951b, p. 735).

Em “A integração do negro na sociedade de classes”, Fernandes (2008b) considera a “Segunda Abolição” como uma palavra de ordem para o movimento negro. Nos anos 1980, acompanhando de perto a nova geração da militância negra que surge com o Movimento Negro Unificado (MNU), Fernandes (2017b, p. 87) volta a defender essa mesma palavra de ordem: “O essencial é que há uma abolição a ser construída e que os negros tomaram em suas mãos, há mais de cinquenta anos, a ideia de realizar uma *Segunda Abolição*”.

⁴ Depois da pesquisa Unesco, Florestan analisou o protesto negro nos livros: “A integração do negro na sociedade de classes”, publicado originalmente em 1965; “O negro no mundo dos brancos”, de 1972; “Círculo fechado: quatro ensaios sobre o ‘poder institucional’”, de 1976; “Significado do protesto negro”, publicado, originalmente, em 1989.

Considerações Finais

Num relato sobre sua história de vida, Fernandes (1977, p. 143) afirma que suas experiências pessoais de pobreza na infância o ajudaram a compreender as barreiras econômicas e sociais impostas às pessoas negras: “Antes de estudar esse processo na pesquisa sobre o negro, vivi-o em todos os matizes e magnitudes”.

Nesse mesmo texto, Fernandes afirma que, por conta da sua origem humilde, muitas vezes, sentiu-se como um “intruso” entre os colegas da FFCL da USP. No período em que a pesquisa Unesco foi realizada, a FFCL possuía um único docente negro, Rozendo Sampaio Garcia, professor assistente da cadeira de História da Civilização Americana (Observação em massa, 1951b). É nesse contexto que, entre os meses de maio e novembro de 1951, o auditório da FFCL, na rua Maria Antônia, foi ocupado por dezenas de pessoas negras, de diferentes formações e classes sociais, para debaterem sobre as relações raciais em São Paulo, no Brasil e no mundo.

A militância negra contribuiu de diversas formas com a pesquisa Unesco: coordenando atividades; participando de seminários, reuniões e entrevistas; preenchendo questionários; elaborando conferências e histórias de vida. As transcrições desses materiais foram retomadas e reexaminadas por Fernandes em sua tese de cátedra: “A integração do negro na sociedade de classes”.

Algumas hipóteses desenvolvidas nos textos de Bastide e Fernandes que compõem a pesquisa Unesco e “A integração do negro na sociedade de classes” partem dos testemunhos, lembranças, vivências, frustrações, posicionamentos, informações, ideias e análises da militância negra, especialmente, aquelas relacionadas à discriminação racial no mercado de trabalho.

Como sustentou o militante Carlos de Assumpção, é a pessoa negra quem melhor sabe dizer sobre o preconceito, pois é ela quem o sente. Numa das suas falas nos seminários, Florestan Fernandes corrobora essa tese.

A pesquisa Unesco em São Paulo foi um trabalho coletivo que conseguiu aproximar a universidade e as associações do movimento negro, a investigação acadêmica e a luta militante, o discurso científico e a experiência concreta. Foi assim que ela desconstruiu o mito da democracia racial no Brasil.

Referências

BARBOSA, Cibele. Casa Grande & Senzala: a questão racial e o “colonialismo esclarecido” na França do Pós-Segunda Guerra Mundial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 1-16, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/Ck7rHFqYLdrTYPv4m3pBLks/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BASTIDE, Roger. Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (org.). **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989. p. 150-153.

BASTIDE, Roger. Introdução. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (org.). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955a. p. 11-15.

BASTIDE, Roger. Manifestações do preconceito de cor. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (org.). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955b. p. 123-158.

BASTIDE, Roger. [Correspondência]. Destinatário: Florestan Fernandes. 20 mar. 1954. Item documental n. 02.09.01126. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos.

BASTIDE, Roger. Les relations raciales au Brésil – São Paulo. **Le Courier de l'UNESCO**, Paris, v. 8-9, p. 9, ago./set. 1952. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000071109_fre. Acesso em: 11 abr. 2025.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. O preconceito racial em São Paulo (projeto de estudo). In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (org.). **Brancos e negros em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. p. 321-358.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (org.). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955.

CAILLOIS, Roger. Illusions à rebours (Fin). **La Nouvelle Revue Française**, Paris, n. 25, p. 58-70, jan. 1955.

CAMPOS, Antônia. **Interfaces entre sociologia e processo social: a Integração do negro na sociedade de classes e a pesquisa UNESCO em São Paulo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/928554>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

CHALHOUB, Sidney. **50 anos da obra A Integração do Negro na Sociedade de Classes**: mesa 3, 19 abr. 2020. 1 vídeo (2 h 22 min 26 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZHuLcUgKO3k&t=6705s>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ENTREVISTAS. **Item documental n. 4226**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951.

ENTREVISTAS com pretos. **Item documental n. 6536**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951.

ESTUDOS de caso. **Item documental n. 4527**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951.

ESTUDOS de caso II. **Item documental n. 4539**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. As relações raciais em São Paulo reexaminadas. In: FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2017a. p. 129-139.

FERNANDES, Florestan. Luta de raças e luta de classes. In: FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2017b. p. 77-87.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008a. 1v.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008b. 2 v.

FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 140-212.

FERNANDES, Florestan. **Circuito fechado**: quatro ensaios sobre o “poder institucional”. São Paulo: HUCITEC, 1976.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERNANDES, Florestan. A história de vida na investigação sociológica: seleção dos sujeitos e suas implicações. In: FERNANDES, Florestan. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1960. p. 251-269.

FERNANDES, Florestan. Do escravo ao cidadão. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (org.). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955a. p. 16-66.

FERNANDES, Florestan. A luta contra o preconceito de cor. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (org.). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955b. p. 193-226.

FLORESTAN FERNANDES - o mestre. Direção: Roberto Stefanelli. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2004. 1 vídeo (50 min). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/151480-florestan-fernandes-o-mestre/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HISTÓRIA de vida. **Item documental n. 4528**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951.

LEITE, José; MOREIRA, Renato. Movimentos sociais no meio negro. **A Terra é Redonda**, São Paulo, 8 mar. 2025. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/movimentos-sociais-no-meio-negro-1910-1940/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e história. In: COMAS, Juan; LITTLE, Kenneth; CHAPIRO, Harry; LEIRIS, Michel; LÉVI-STRAUSS, Claude (org.). **Raça e ciência I**. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 231-269.

MATERIAL de pesquisa. **Item documental n. 4225**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951.

MAIO, Marcos. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 111-136, maio 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12296/14073>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MÉTRAUX, Alfred. Une enquête sur les relations raciales au Brésil. **Le Courrier de l'UNESCO**, Paris, v. 8-9, p. 6, ago./set. 1952. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000071109_fre. Acesso em: 11 abr. 2025.

MOREIRA, Renato. A história de vida na pesquisa sociológica. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (org.). **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989. p. 167-171.

NASCIMENTO, Abdias. **O negro revoltado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social**: introdução às suas técnicas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

OBSERVAÇÃO em massa. **Item documental n. 4530**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951a.

OBSERVAÇÃO em massa (situação grupal). **Item documental n. 4531**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951b.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Histórias de vida e depoimentos pessoais. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (org.). **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989. p. 154-166.

PRINS, Harald; KREBS, Edgar. Vers un monde sans mal: Alfred Métraux, un anthropologue à l'UNESCO (1946-1962). In: **60 ans d'histoire de l'UNESCO**. Paris: UNESCO, 2007. p. 115-251. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000154122>. Acesso em: 11 abr. 2025.

REUNIÃO com mulheres negras. **Item documental n. 4534**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SEMINÁRIOS (Associação José do Patrocínio). **Item documental n. 4535**. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos, 1951.

SOTERO, Edilza. **Representação política negra no Brasil pós-Estado Novo**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-03122015-134905/pt-br.php>. Acesso em: 17 abr. 2025.

Recebido em: 24/4/2025

Aceito em: 27/8/2025